



Data: 12.05.2011

Título: PORTUGAL PRECISA DE TRILHAR UM NOVO CAMINHO

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 12;13



PORTUGAL PRECISA DE TRILHAR UM NOVO CAMINHO

Em clima de campanha eleitoral, o que esperar das promessas dos partidos? As dúvidas de Alexandre Quintanilha e Carvalho da Silva e as certezas de que o país precisa de mudar de rumo.

José Leite Pereira (JLP): À porta da campanha, nota-se um clima eleitoralista, um período de promessas, ainda que haja muito pouco a prometer, quando os programas de governo se cingirão ao memorando assinado com a troika.

Alexandre Quintanilha: Existem certezas a mais. Eu tenho muitas dúvidas: se o que está a ser discutido com a Europa é bom ou mau; se havia outras possibilidades; se o país tem culpa ou se foi a crise internacional que nos levou a esta situação; se há Estado a mais ou a menos; se a economia de mercado é a única forma de evoluirmos depois do colapso da União Soviética. Os políticos têm que traduzir a sua convicção, convencer a população de que há formas melhores de avançar e esclarecer a questão da culpa.

JLP: Dúvidas sobre os culpados?

AQ: Também. A questão da globalização é positiva para quem tem enormes recursos pessoais. Mas as pessoas sem recursos – não é financeiros, é capacidades – sofrem com a globalização. Há muitos jovens que estão na universidade a desenvolver as suas capacidades de imaginação, criatividade, não só para produzir para o mercado, mas também para alterar a forma de estarmos na sociedade. A inovação não é só tecnológica, mas social e até religiosa. Ouço muita gente indicar um caminho e

apercebo-me de que esse caminho tem ratoeiras, problemas, e que não estamos sozinhos no mundo. A competitividade pura para a sobrevivência do mais forte e a colaboração para a sobrevivência de uma comunidade cria um dilema. Faço parte dos que gostam de construir com os outros. Sinto-me mal com a pressão para o Estado diminuir, embora concorde que, em certas áreas, há Estado a mais. Não se pode esperar que o Estado resolva tudo, temos que tomar a iniciativa.

JLP - Mais dúvidas do que certezas?

Carvalho da Silva (CS): Há muitas dúvidas mas muitas certezas também. Quando se quer desenvolver um projecto, principalmente no desenvolvimento de um país, tem que se ter presente três aspectos: criar o sonho, ter objectivos concretos do ponto de vista de desenvolvimento colectivo; uma análise rigorosa da realidade; e definir bem o que fazer. Estamos perante um cenário de imposição de uma governação exterior que é um programa pormenorizado de governo. Na área da saúde, por exemplo, nunca houve, em Portugal, um programa de governo com prazos tão pormenorizados.

JLP - O que é contrário à nossa maneira de ser.

CS: É inviável. Algumas medidas são de tão curto prazo que não tornam exequível o processo e acabam por influenciar a evolução do sistema e, quando acordarmos, podemos estar sem o controlo da si-

tuação. Funcionários de várias instituições europeias definiram um programa político que envolve a capacidade do povo, implica a governação total, e não são responsabilizáveis. Amanhã, ninguém lhes vai pedir contas.

JLP - Mas representam Estados.

CS: É um programa feito pelo FMI, BCE e União Europeia numa representação tecnocrática. Há muito a fazer além do que lá está. O debate político para as eleições deveria centrar-se nisso. Procurar encontrar caminhos para produzir, ter um combate à economia clandestina, um programa efectivo de poupança que elimine parcerias que levam à corrupção, introduzir medidas no plano interno para diminuir o enriquecimento em torno de especulações, fazer melhor nas áreas da formação e da qualificação. A situação internacional é complexa, tal como a nacional e a europeia. As sociedades ainda não encontraram um compromisso colectivo forte e que funcione tão bem a favor do interesse colectivo

**“Vivemos em
democracia, somos
nós que escolhemos
os governos”**

como o Estado. E está a ser destruído por uma entidade subversiva. A ideologia neoliberal levada até ao limite está a desenvolver um processo de pilhagem. Estamos debai-

xo de um processo de roubo. A taxa de juro aplicada a Portugal não é para ajudar, é roubar. Nos tempos próximos vão apoderar-se de mais uma parte da riqueza dos portugueses.

JLP – O valor da taxa de juro do empréstimo só (ante)ontem foi conhecido. Os próprios intervenientes na negociação, do lado de Portugal, não sabiam qual seria a taxa.

CS: Essa questão foi levantada pela CGTP.

LP – Estamos a falar de um encargo total da dívida de 12 mil milhões só em juros.

CS: No prazo de três anos. Mas como é abatido ao volume da ajuda de 78 mil milhões, recebemos 66 mil milhões. Com um volume significativo cativo para a Banca, mais o que fica como garantia, resta muito pouco. Estão a tratar dos interesses dos accionistas dos bancos alemães, franceses e também dos portugueses, que lá vão buscar algumas migalhas. Ficará reduzida a um valor muito baixo de apoio à economia. No final de 2012 teremos um Produto Interno Bruto igual ao de 2002, o que significa um recuo de 10 anos na produção da riqueza. Depois continuará a cair. A dívida será maior e o retrocesso social e civilizacional também. Há efeitos que se vão sentir na sociedade, como a tendência da emigração da juventude qualificada.

AQ: A questão do Estado a mais ou a menos. Durante quatro séculos, as pessoas foram reprimidas em

termos de iniciativa, criatividade, curiosidade ou coisas novas. O país habituou-se a não resolver as coisas por si só. Não há iniciativa individual. É difícil destruir, em pouco tempo, uma coisa que durou quatro séculos. Outro problema é vivermos a crédito. E não só as pessoas, o país também vive com dinheiro emprestado. A certa altura, começaram a não emprestar ou emprestar com juros muito elevados. Como chegámos aqui? Portugal viveu durante muito tempo com ajudas muito altas, que foram mal aproveitadas. Investiu-se mais em estruturas do que em pessoas.

JLP – Betão a mais...

AQ: O dinheiro foi mal utilizado. Acreditámos que, ao pedir emprestado, teríamos lucros no futuro, mas estamos num impasse. Adoramos ter cartões de crédito. O 'plástico' (cartão) é muito útil, compra-se muita coisa. Dá muito jeito para quem empresta e cobra 5% e 6% de juros. Criou-se uma noção de ganância: cada vez querem mais e prometem mais. Mas vivemos em democracia, somos nós que escolhemos os governos, não vale a pena atirar a culpa para os outros. A

“A taxa de juro aplicada a Portugal não é para ajudar, é roubar”

participação política não é grande. Gostava que as pessoas mostras-

sem que já não acreditam neste modelo da economia de mercado.

JLP: Tem-se falado pouco sobre o que deve mudar no dia-a-dia, mas a nossa vida vai ter de mudar muito.

CS: Vai mudar no plano nacional e global. Não podemos ter políticos com responsabilidade, como o Presidente da República, a dizer que temos que nos comprometer. Andámos a gastar demais. A troika fala do luxo de comprar casa. As pessoas foram incentivadas a fazê-lo porque era mais barato do que arrendar. Mas houve quem lucrasse com isso.

AQ: Que é uma religião, porque as pessoas acreditam nisso.

CS: Temos que pensar, agir, ser responsáveis. A submissão e a ideia do compromisso sempre acima das posições mata o país. É comum ouvir-se as pessoas dizerem que os políticos 'são todos iguais'. Instituiu-se a desresponsabilização. Os seres humanos não são todos iguais. É preciso mudar. Houve excesso de análise de economistas, era preciso outra análise. Em nome da modernidade, fomos engajados a aceitar a destruição do aparelho produtivo e o uso fácil do dinheiro que veio da UE. Esse caminho da economia não pode ser trilhado.

LUÍSA MOREIRA EDIÇÃO



OUVIR VERSÃO INTEGRAL
www.jn.pt/multimedia



Data: 12.05.2011

Título: PORTUGAL PRECISA DE TRILHAR UM NOVO CAMINHO

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 12;13



Alexandre Quintanilha (à esquerda) e Manuel Carvalho da Silva (ao centro), conversam com



José Leite Pereira, nos estúdios da TSF-Porto

Área: 1381cm² / 72%

Tiragem: 133.131

FOTO

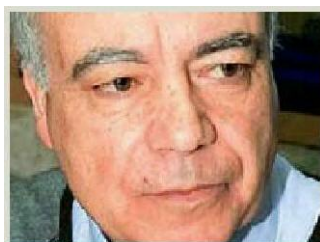
Cores: 4 Cores

ID: 3629497



"Gostava que as pessoas mostrassem que já não acreditam neste modelo da economia de mercado."

Alexandre Quintanilha
INVESTIGADOR



"A ideologia neoliberal levada até ao limite está a desenvolver um processo de pilhagem."

Carvalho da Silva
LÍDER DA CGTP

Até já

Este foi o último programa. Voltaremos, possivelmente, para uma segunda série em Setembro. Para a semana há a final da Liga Europa entre o F. C. Porto e o Sporting de Braga, depois a campanha. Quero agradecer a participação de Alexandre Quintanilha, Manuel Carvalho da Silva, Alberto Castro e D. Manuel Clemente. Com estas conversas provou-se que é possível trocar ideias com toda a calma e fazê-las passar para as pessoas. Estou muito grato aos quatro pela forma como deram conteúdo ao que era a minha convicção.

JOSÉ LEITE PEREIRA